

RETOMADA DOS ESTUDOS E LUGARES SOCIAIS OCUPADOS POR MULHERES: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA

Ana Paula Martins Gualberto, Hermane Pegoraro Schinaid, Mariana Jeremias Cavalcanti, Viviane Soares Fialho de Araujo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/Nilópolis viviane.araujo@ifrj.edu.br

Resumo

O presente artigo traz alguns resultados da análise dos relatos das histórias de vida e dos desafios enfrentados por mulheres que retomaram seus estudos, após anos de afastamento do ensino formal. Com este trabalho objetivamos dar visibilidade às dificuldades superadas por estas mulheres, bem como pensar a respeito dos lugares ocupados por estas alunas durante o período em que frequentaram ou frequentam o curso MSI (Manutenção e Suporte em Informática), da modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, no *campus* Nilópolis. Com o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD), buscamos compreender os sentidos construídos e a formação das subjetividades destas mulheres, membros da sociedade fluminense e do corpo estudantil de um curso médio técnico de um Instituto Federal.

Palavras-chave: PROEJA, mulheres, Análise do Discurso (AD).

O objetivo deste trabalho consiste em apresentar análises realizadas a partir dos relatos das histórias de vida e dos desafios enfrentados por mulheres estudantes da modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), localizado no Estado do Rio de Janeiro, no Município de Nilópolis, na Baixada Fluminense. As estudantes em questão têm como característica a retomada de seus estudos após anos de afastamento do ensino formal. Constitui-se, também, como objetivo do trabalho dar visibilidade ao curso de nível médio técnico Manutenção e Suporte em Informática (MSI), do IFRJ, bem como às dificuldades superadas por essas mulheres alunas, durante o período em que frequentaram ou frequentam a Instituição. A modalidade de ensino EJA, mesmo dentro do *campus* Nilópolis, é desconhecida por muitos, tanto da comunidade interna, estudantes Ensino Médio regular e das graduações, bem como da comunidade externa. Deste modo, dar visibilidade ao curso MSI é um meio de tornar estas etapas menos difíceis e promover maior integração entre os estudantes.

Para a realização da pesquisa - ainda em desenvolvimento - foram selecionadas algumas alunas desse curso MSI. Nossa metodologia partiu do recolhimento de relatos orais sobre suas trajetórias de vida. O objetivo, então, seria o de se conhecer (ver e ouvir) quem são estas estudantes que se matricularam no curso, segundo nossas análises dos discursos que estas formam sobre elas mesmas. Deste modo, constituiu-se em propósito de nossa pesquisa analisar as identidades que são construídas e narradas pelas mulheres desse curso, as dificuldades por elas enfrentadas e as imagens

que daí se constroem. A integralização do curso MSI se dá após por seis semestres. Alunas de todos os períodos foram convidadas para participarem da pesquisa.

O PROEJA do IFRJ tem por característica ser formado por um público bastante heterogêneo, composto por diversas faixas etárias: desde adolescentes aos mais idosos. Até o segundo semestre de 2014 funcionava no período vespertino e hoje acontece no período noturno, compreendido das 17h50 às 22h20, de segunda a sexta-feira, incluindo alguns sábados letivos. A maior parte dos estudantes busca a conclusão da etapa da Educação Básica com um curso técnico, com vistas à profissionalização e à atuação no mercado de trabalho. Porém há estudantes que já concluíram o ensino médio e cursam outra vez essa etapa, a fim de se recolocarem no mercado de trabalho com uma formação técnica na área de manutenção e suporte em informática.

A escolha do *corpus* discursivo da pesquisa se deu por meio da observação participante, com entrevistas individuais e rodas de conversas com as estudantes. A abordagem às alunas, na maior parte das vezes, acontece em sala aula, a partir de um convite para que participem como sujeitos de uma pesquisa a respeito do (re)conhecimento das alunas do PROEJA. Desse modo, com prévio consentimento, as alunas possibilitam que gravemos depoimentos e/ou entrevistas. É interessante ressaltar que até o presente momento as estudantes que aceitaram e autorizaram a participação na pesquisa não permitiram que fossem filmadas, porém consentem que lhes seja gravado o áudio da entrevista e que lhes façam fotos. Como estratégia metodológica, optou-se pelo discurso livre e, sendo assim, foram as entrevistadas que ditaram o tempo, o ritmo e os temas que gostariam de abordar em cada encontro. Sendo assim, as entrevistas foram gravadas e transcritas, bem como as rodas de conversas.

Com o referencial teórico-metodológico, usamos dispositivos analíticos próprios da Análise do Discurso (AD) de base francesa. Sendo assim, intencionamos verificar os sentidos que são construídos, bem como a formação das subjetividades, a partir da participação destas mulheres e dos papéis a elas destinados, na sociedade em que vivem. As análises estão sendo realizadas segundo as entradas selecionadas para as Sequências Discursivas (SDs) construídas.

Levando em conta o homem na sua história, considera (a Análise do Discurso) os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. (ORLANDI, 2009, p.16)

Como referencial teórico para a pesquisa, utilizamos também os estudos de Judith Butler, que nos mostra como o gênero e a sexualidade são determinantes para a conquista de espaços pelas mulheres na coletividade. Visto que vivemos numa sociedade masculinista, o papel e o lugar da

mulher facilmente podem ser concentrados e definidos por instituições falocêntricas, dificultando não apenas o seu desenvolvimento social, mas sua formação cultural e acadêmica, determinando e limitando seus lugares de ação e de voz.

As análises do *corpus* mostram que as falas recorrentes das estudantes são sobre como o *retorno aos estudos* representa uma ruptura no papel tradicionalmente esperado que essas mulheres exerçam, como de mães, irmãs, esposas, aquelas que sempre deixam suas vontades em segundo plano, em prol da família. Nesse aspecto, fica evidente como as relações de poder estabelecidas nesta sociedade, culturalmente masculinista, estabelecem-se. Por outro lado, há o entendimento das alunas de que essas condições presentes em nossa cultura não devem ser mantidas: os lugares ocupados pela mulher, nos dias atuais, são outros. E mais que isso: esses lugares não precisam ser necessariamente os mesmos para todas as mulheres, de modo que se consiga enxergar e, acima de tudo, respeitar a subjetividade de cada uma delas.

Talvez exista, na presente conjuntura político-cultural, período que alguns chamariam de 'pós-feminista', uma oportunidade de refletir a partir de uma perspectiva feminista sobre a exigência de se construir um sujeito do feminino. Parece necessário repensar radicalmente as construções ontológicas de identidade na prática política feminista, de modo a formular uma política representacional capaz de renovar o feminismo em outros termos. Por outro lado, é tempo de empreender uma crítica radical, que busque libertar a teoria feminista da necessidade de construir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade ou anti-identidade que o feminismo invariavelmente exclui. (BUTLER, 2003, p. 22).

De acordo com o conceito de **memória**, a partir das perspectivas dos estudos de Michel Pêcheux (2007 apud ACHARD), verificamos, em nosso *corpus* discursivo, quais são os elementos do passado histórico que estas mulheres atualizam em seus discursos com maior recorrência. Levando-se em conta a determinação histórica que constitui os *discursos da e sobre a mulher*, encontramos recorrentemente nos relatos das alunas sentimentos de perdas e conquistas, assim como angústias e anseios, como formadores das subjetividades, tanto num como noutro grupo de mulheres.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2009, p.31)

Para este trabalho, recortes do nosso *corpus* serão dispostos em sequências discursivas (SDs), a fim de que as análises feitas desse corpus possam ser realizadas.

(SD1): Fazia uns 24 anos que eu estava sem estudar. Eu já tinha uma filha e devido a ela permanecer sempre doente, tinha bronquite, aí o tempo virava, aí todo mês tava com crise, aí aquilo tava me atrasando e eu resolvi parar, porque aí eu não tava conciliando as duas coisas: ser mãe e ser aluna. Eu faltava, nem sempre minha mãe queria ficar, porque quando tava com muita crise minha mãe ficava com medo que ela já tinha tido convulsão. Aí foi isso (...) eu sentia que a responsabilidade era minha, porque a filha era minha. Eu tipo que tava me anulando de uma coisa por uma outra. Então como eu que quis ser mãe, eu achava que a responsabilidade era minha. Ou eu conciliava as duas coisas ou eu tinha que optar: ou um ou outro. Aí eu optei em ser mãe, né? (R.S., 54 anos, aluna egressa do MSI, atualmente estagiária no *campus*).

(SD2): (...) eu terminei tudo. Fiz até o segundo grau e terminei. Mas faculdade antigamente era impossível, né?, não tinha como... porque só quem passava nas públicas era filhinho de papai mesmo, né? Era impossível. Aí eu comecei a fazer vários cursos. Enquanto minha mãe foi trabalhar eu comecei a tomar conta dos meus irmãos menores... Aí retornei agora, mas é muito difícil. Tô vendo que desaprendi tudo... Parece que eu tô começando o C.A aí... Pegar na mãozinha, escrever tudo de novo, porque é difícil. (...) meu português tá péssimo, minha caligrafia... Eu tô comendo muitas palavras também... “como é que se escreve isso? É com K, com C...” eu falo assim pra mim: gente... (N., 36 anos sem estudar).

SD3: (...) fiquei cuidando de filho, meu marido ficou doente, morreu. Aí fiquei com dois filhos num serviço escravo que não dormia nem noite nem dia durante dez anos. Pra criar dois filhos (sozinha?) poo, sozinha! 10 anos. Pra não faltar o leite e o pão deles. Aí ficava submetida a isso tudo, sem Natal, Ano Novo, sem nada, só vivendo pra eles. Aí fiquei... nem social eu tinha. Não saía. Só você e seus filhos. Aí veio minha mãe morar comigo, teve AVC. Aí tive que cuidar da minha mãe, cinco anos, acamada, difícil acesso. Aí quando foi no quinto ano ela faleceu. É difícil a volta. Por quê? Porque você é um analfabeto, né? funcional. (R.G. L., 48 anos).

A utilização da interjeição *aí*, na SD1, traz a ideia de sequência entre os diversos fatores que justificam o afastamento da entrevistada dos estudos. Estas justificativas se desenrolam em torno da saúde de sua filha, ao passo que também enfatizam o seu papel de mãe e responsável pelos cuidados com a criança. Na SD1, a escolha da conjunção “ou” constrói sentidos sobre a impossibilidade de ser mãe e de estudar, ao mesmo tempo, marcando que a mulher deve “optar” por um ou outro desejo.

Na SD2 verifica-se a repetição das expressões *difícil* e *impossível*, de modo recorrente. As expressões constroem sentidos em relação a todas as dificuldades que teve e tem, na continuidade dos estudos, tanto no passado, como nos dias atuais. O uso das reticências também forma sentidos sobre os diversos fatores, dentre outros não ditos, que prejudicam seu bom rendimento no curso de MSI.

Na SD3 se destacam duas expressões recorrentes. O uso do *não* e do *só*, *sozinha*. Neste caso, a estudante pretende mostrar todas as privações pelas quais passou durante a sua vivência, no sentido de que por estar *sozinha*, não poderia falhar com os filhos, principalmente. A necessidade de não falhar fez com que a estudante se privasse do que pudesse ser necessário a ela para suprir a família, isto é, o *não falhar* significa vários outros *nãos* em sua história.

De modo geral, conseguimos observar que as estudantes veem a interrupção de seus estudos e de uma possível carreira profissional como um cumprimento dos papéis sociais de mães, filhas, avós e de donas de casa, destinados, nesta sociedade, às mulheres.

Os discursos que circulam quanto aos papéis das mulheres se coadunam com as responsabilidades que elas tomam para si e, deste modo, são recorrentes nos discursos das alunas, formadoras, portanto, das subjetividades delas. Assim, nas bordas da memória dos discursos *sobre a mulher*, estas mulheres se constituem e constituem seus discursos:

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (PÊCHEUX, 2007, p. 56 [ACHARD])

Observa-se como a memória discursiva afetará a imagem que as mulheres constroem delas mesmas, de modo que o que já se foi dito sobre “mulher” anteriormente, na história, retomam os sentidos de “mulher” que são construídos por estas mulheres estudantes. Experiências anteriores de *repressão*, *submissão*, *silenciamento*, *subestimação* são retomadas nos discursos analisados das mulheres. Portanto, em consonância com Orlandi: “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas” (ORLANDI, 2009, p. 32).

Sendo assim, observa-se como o discurso que posiciona a mulher no espaço da casa, datado historicamente e marcado ideologicamente, presentifica-se no discurso das alunas do MSI. Ainda segundo Orlandi, “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido”. É por esta razão que para a Análise do Discurso “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos.” (2009, p. 33). Ainda de acordo com a autora:

O interdiscurso – a memória discursiva – sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Resta acentuar o fato de que este apagamento é necessário para que o sujeito se estabeleça um lugar possível no

movimento da identidade e dos sentidos: eles não retornam apenas, eles se projetam em outros sentidos, constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem. (ORLANDI, 2009, p. 54)

Deste modo, pode-se dizer que as alunas se identificam com o discurso que localiza a mulher no espaço da casa e confere às mulheres a responsabilidade pelos afazeres domésticos. Essa identificação aciona a memória e formula os discursos destas mulheres com base no *já dito* outrora, para construírem suas identidades de mulher e formarem sentidos para as posições que estas ocupam como sujeitos, sujeitos estes que para reingressarem nos estudos, precisam antes cumprir com suas responsabilidades enquanto mães, esposas, irmãs etc.

A seguir, novas Sequências Discursivas (SDs) serão transcritas para análise em relação a aspectos do futuro, no discurso das estudantes do MSI:

SD4: Aí eu fui cuidar da minha vida, do meu sonho. Meu sonho não era impossível, mas se tornou possível. Eu falava assim “a gente podia ter um EJA numa instituição federal”, eu tinha assim um sonho de ir pra federal, né? Aí eu consegui entrar aqui... E tô aqui. (R.G.L., 48 anos).

SD5: Eu tenho muita vontade de ser professora de matemática e é um desejo que eu resgatei e que tava perdido lá dentro de mim - da minha época de adolescente. E eu tinha até esquecido que eu queria ser um dia professora de matemática. Como é que pode, né? A gente tem os sonhos da gente e a gente acha que não vai conseguir. (...) Eu quero vir pra cá, porque aqui tem a Matemática e aqui eu gosto do pessoal daqui... Eu gosto daqui e eu fico observando e... Se eu fizer a matemática de dia, de repente, eu consigo uma monitoria de tarde, pra estar ajudando de tarde os alunos na matemática. Eu gosto disso. (N.D.A., 45 anos).

SD6: (...) eu tô me inscrevendo pro CEDERJ, pra fazer pré-vestibular. Eu até pedi a declaração ali e tô indo lá pegar. Aí eu vou fazer [faculdade], sim. Aí eu vou tentar pra mim fazer sábado [o pré-vestibular]. Aí eu tô querendo sim, né?... seguir [com os estudos - fazer faculdade]. Eu gosto de Serviço Social. (R.S., 54 anos, aluna egressa do MSI, atualmente estagiária no *campus*).

As SDs 4, 5 e 6 permitem analisar que outro aspecto significativo no discurso destas mulheres é o que se refere à perspectiva de futuro. Todas elas querem mais do que a conclusão no curso de MSI. Elas planejam e almejam objetivos maiores, conquistas ainda mais importantes, tanto academicamente quanto profissionalmente. Este discurso que faz referência às possibilidades futuras na vida de cada uma delas permitiu ao grupo de pesquisa mapear as aspirações que estas mulheres fazem para o amanhã, para uma nova etapa ou “por vir”.

Assim, a representação discursiva do “tempo atual”, do “hoje”, da “hora”, comporta uma avaliação dos “tempos já passados” e uma previsão dos “tempos por vir”. Ela se faz referindo às “sombras” do passado e às “luzes” do futuro, que se projetam ambas sobre o presente, constituindo-o; sombras e luzes que alongam-se no tempo, desenhando uma linha de continuidade que se estende desde o século passado até o próximo milênio. (FONTANA, 1997, p. 150)

Deste modo, temos “memórias de futuro” construídas pelas alunas, com pretensões e desejos. Na SD4, a aluna utiliza de maneira expressiva o recurso do mérito, da conquista, utilizando os pronomes possessivos *meu* e *minha*. Através dessas expressões, ela intenciona mostrar que alcançou um de seus objetivos de formação acadêmica: estudar em uma instituição federal.

O recorte discursivo da SD5 apresenta um momento da vida da entrevistada onde o foco está nas suas conquistas pessoais. O uso do pronome *eu* repetidas vezes deixa claro que a aluna está priorizando os seus objetivos, deixando como secundário o seu papel de responsável pelos afazeres domésticos, tradicionalmente conferidos às mulheres.

A utilização da suspensão da fala, que se completa no pensamento, representada pelas reticências, na SD6, constrói sentidos, ao mesmo tempo, de dúvida e de possibilidade. Não há uma construção real, mas há uma tentativa, um esforço em fazer dar certo, há, portanto, uma ideação, um desejo em vias de ser realizado. A suspensão da fala funciona como continuidade, não como interrupção ou descontinuidade.

Verifica-se, também, que, ainda que façam referência ao futuro, as mulheres utilizam o presente e mesmo a oportunidade de estarem estudando, com “retorno tardio”, para conseguirem um futuro mais promissor do que foi o passado. Deste modo, uma característica comum, recorrente no discurso de todas as mulheres é o **recomeço**. Este recomeço está relacionado não só ao que se refere aos estudos, interrompidos, porém resgatado do passado. Representa, logo, o retorno, que seria uma importante parcela na desejada mudança. Todas as SDs marcam o *recomeço de vida*, o *recomeço de história* e o *novo recontar*. A escolaridade e o por vir relacionado à esfera acadêmica e profissional seriam apenas um dos aspectos, um ponto de partida para a mudança de vida. Deste modo, o recomeço não se encerra nesta conquista, sendo estendido, portanto, para a formação das subjetividades destas mulheres.

As próximas Sequências Discursivas permitirão analisar que neste percurso, iniciado com o retorno aos estudos com o curso de MSI, essas mulheres salientam a importância do apoio dos companheiros de classe e dos/das professores/as, a fim de que continuem persistentes nas caminhadas delas. O PROEJA é notoriamente invisibilizado dentro da Instituição, de modo que muitos alunos do Ensino Médio regular e da graduação sequer sabem de sua existência. Pode-se,

então, verificar que este preterimento do curso na Instituição acaba por causar um constrangimento nos estudantes do PROEJA, de uma forma geral, constituindo-se em mais uma barreira a ser enfrentada por estas mulheres para voltarem a estudar. Ressalta-se, nos recortes discursivos das alunas como se não estivessem em seus lugares, como se a instituição federal não fosse espaço para elas frequentarem. Deste modo, o apoio do corpo docente e companheiros de classe é fundamental para que estas mulheres se sintam pertencentes à instituição de ensino, acolhidas de fato. Os recortes discursivos a seguir farão menção ao suporte dado pelo corpo docente, assim como sobre a importância do acolhimento dado pela Instituição a estas estudantes.

SD7: E você acaba conversando com todo tipo: desde do que tá no médio normal até, como você disse, o que tá na pós. E, assim, eu também fui trabalhar ali na direção, aí mesmo que eu tomei mais à frente com todo esse público. Aí, quer dizer... são professores que conversam, incentivam você “ah, você tá terminando?!... Daqui a pouquinho a gente se encontra de novo. Não é tão difícil...” Aí, quer dizer... muito bom você receber palavras boas, né?... Isso eu acho bonito, também da parte, pelo menos das pessoas que se aproximam de mim. (R.S.)

SD8: E muitos professores nos apoiaram. Eu me sentia muito incapaz, muito insegura, mas eles tão sempre nos apoiando, nos envolvendo, dizendo que a gente é capaz, que a gente vai conseguir: “Não, vocês vão conseguir.” Os professores tão sempre incentivando, mas lá fora, eu encontro pessoas que me dizem: “Aí, você tá estudando pra quê? Tá perdendo tempo.” (R., 46 anos)

SD9: Tanto que quando eu entrei aqui eu nem sabia o que era um curso de informática, entendeu? Aí, né?... quando começou a mexer, eu ficava “e agora? Onde aperto?” Aí eu catucava um do meu lado, um do outro... “Não, é isso. Volta” Assim, aquelas coisas básicas, mas que eu não tinha noção e eles super me ajudavam, entendeu? Às vezes iam pros laboratórios pra me ajudar, entendeu, a fazer trabalho no Word mesmo, coisa básica que eu não sabia. Entendeu? Eu achei que isso foi... de um excelente incentivo, né? (...) Dos professores... até quando eu tive problemas de... com o meu marido, que no finalzinho agora ele teve um AVC, eles me incentivaram a não parar. Entendeu? Acho que é porque já tinham ouvido a minha história, né?... tipo que eu ia parar no mesmo lugar onde eu já tinha parado lá atrás. Aí super me incentivaram. Teve professor que veio me dar uma prova aqui dia de sábado, porque dia de segunda a sexta não tinha quem ficasse com o meu marido, entendeu? Aí quer dizer, isso é... satisfatório, né? Você falar hoje sobre isso. (R.S.)

SD10: Estimulou e estimula (sobre o ambiente do *campus* Nilópolis IFRJ). E me abriu a mente também, entendeu? Como se tivesse me tirado de dentro de um vidro, porque eu me dedico demais pro curso, me dedico muito, procuro dar o meu melhor, não faço nada de qualquer jeito, não gosto de colar, não quero saber disso, eu tô aqui pra isto: para dar exemplo. (N.D.A., 45 anos)

Na sequência discursiva SD7, a estudante fala sobre como estar num ambiente acadêmico mudou sua perspectiva em relação à Instituição. A análise deste recorte constrói sentidos em relação

ao estar num ambiente acadêmico, que propiciou mudanças em sua vida, de modo amplo. Além disso, a ênfase dada à sua dedicação ao curso demonstra sua perseverança pela conquista, pelo sucesso, assim como a projeção que faz nos professores. Nas demais sequências discursivas são recorrentes as palavras “incentivo” e “apoio”, como se necessitassem de ambos para a confirmação de que podem e devem estar estudando. Esta necessidade de reafirmação do incentivo e do apoio se relaciona à culpa que estas mulheres têm de estarem, no momento, realizando um desejo que não diz respeito aos papéis sociais de mães e esposas, e sim de realização do próprio desejo de formação acadêmica e profissional. O “incentivo” e o “apoio” seriam necessários para a quebra das barreiras.

Deste modo, desejos de mudanças oriundos de diferentes motivações levam o discurso dessas mulheres a projetarem posições sociais hoje valorizadas para as mulheres: ser independente e bem-sucedida, para além do espaço doméstico. A sequência discursiva a seguir, SD11, possibilitará uma análise destas posições:

SD11: A mulher foi conquistando o seu direito, né? Por isso mesmo elas estão bem focadas nos seus direitos.. elas estão, agora, liderando... (...) Acostumadas a ouvir que... que vai casar, vai ter filho, que vai ter que bordar pra casar. Sabe essas coisas?! Costurar... é... Hoje não. As mulheres conseguiram conquistas. É... Pensaram que não iam conseguir e hoje em dia temos opção, temos até presidenta! (N., 60 anos, aluna no 3º período de MSI)

Nesta SD11, verificamos que a aluna reafirma que os tempos históricos são outros, assim como deve ser outro o espaço ocupado pela mulher dentro da sociedade. A estudante traz como exemplo as posições de outras mulheres, para referendar o seu discurso, como a posição máxima ocupada no país, a da Presidenta da República, para significar que os tempos são outros e que a mulher está disposta a ocupar espaços antes não imaginados para ela, como não só a chefia da casa, e sim de uma empresa e, ainda, do país.

A partir das entrevistas e das conversas realizadas com as mulheres alunas do PROEJA, percebemos que outros aspectos eram marcantes na maneira como discursavam. Deste modo, já com a pesquisa em andamento, percebemos que era fundamental uma análise que abordasse também a Semiótica, tendo em vista que as expressões faciais e corporais destas mulheres, quando falavam sobre as suas histórias, eram fundamentais tanto para a análise de seus discursos, como são elementos constituintes de suas subjetividades. As expressões trazidas pelos movimentos das mãos, do corpo, do olhar foram fundamentais para que fosse possível perceber como o falar sobre o retorno aos estudos representava algo muito significativo em suas vidas. Neste sentido, buscamos alguns referenciais teóricos sobre Semiótica e expressividade gestual através das mãos:

A mão é meio de comunicação – mídia viva e em constante movimento. Poderia dizer que quando gesticulamos com as mãos nelas se conjugam a mão da natureza, a mão da memória e a mão da transcendência. A mão da natureza é a biológica que se soma à mão da memória, absorvida social e culturalmente – está na memória da comunidade –, e suas regras são aprendidas por códigos culturais. Os códigos culturais têm mais força que os códigos genéticos ou sociais. (ROMERO, Elisabeth Leone Gandini, p.97)

Sobre este aspecto, em relação a como o corpo dialoga com o discurso, aprofundaremos nossa pesquisa, bem como realizaremos a edição de um vídeo em que o corpo, sobretudo as mãos, preenchem lacunas que o discurso falado não conseguiu dizer. Deste modo, situamos o discurso das mãos na esfera da complementação do discurso oral, bem como de preenchimento do *não dito*, isto é, daquilo que a palavra não pode se ocupar de dizer.

A partir dos resultados das análises, até o momento, concluímos que as identidades das mulheres-alunas do curso MSI foram construídas segundo os discursos sobre a mulher e todas relatam a posição que ocuparam a elas destinadas, socialmente. Sendo assim, como resultados parciais, verificamos um desejo predominante nessas mulheres em permanecerem investindo na formação acadêmica, com o ingresso no Ensino Superior, como primeira opção. Por outro lado, elas relatam como o contexto social em que estão inseridas não favorece este desejo, obrigando-as a regressarem para o mercado de trabalho formal ou informal, em detrimento da continuação da formação acadêmica, tornando, assim, o prosseguimento dos estudos cada vez mais desafiador.

Como proposta de intervenção para as demandas levantadas pelas estudantes, com o apoio de graduandos do curso de bacharelado em Produção Cultural do IFRJ, elaboramos encontros de sensibilização, usando a ludicidade como meio, a fim de que as mulheres se empoderem e resgatem seus sonhos e aspirações futuras. A pesquisa também conta com algum material escrito a partir dos registros das alunas e que, em oportunidade futura, publicaremos um livro com seus registros de memória.

Referências:

ACHARD, Pierre etall. **O papel da memória**; tradução e introdução de José Horta Nunes. 2ªed, Campinas, SP: Pontes Editores, 2007

FONTANA, Mónica Graciela Zoppy-. **Cidadãos modernos**: discurso e representação política. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

ORLANDI, EniP..**Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8ªed, Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandietall. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro, 2008.

ROMERO, Elisabeth Leone Gandini **A gestualidade das mãos: o gesto técnico e o gesto poético**. São Paulo.UNICAMP, 1997.